

Atribuição BB CY 4.0

O encontro da experiência migratória com a performance da masculinidade hegemônica: um relato de experiência sobre educação de gênero

Elis Moura Marques¹

Saulo Ribeiro Monte²

Resumo

O presente relato de experiência tem como objetivo narrar uma vivência de trabalho grupal desenvolvida com homens migrantes venezuelanos e brasileiros. Os grupos reflexivos tiveram como proposta fomentar discussões sobre aspectos que permeiam vivências em relação à masculinidade hegemônica no encontro com a experiência migratória. Os encontros possibilitaram reflexões e ressignificações de aspectos específicos que emergiram sobre suas referências de masculinidade construídas ao longo da vida, e como as concepções e sentidos atribuídos produzem impactos sociais positivos e negativos para suas famílias, comunidades e para si mesmos. Promover encontros grupais para discutir sobre os impactos da masculinidade hegemônica é possibilitar que homens nomeiem as violências vivenciadas e praticadas, agindo frente ao sofrimento ético-político produto e produtor das desigualdades sociais e de gênero.

Palavras-chave

¹ Graduada em Psicologia (UFRR), Mestra em Psicologia (UFTM) e Especialista em Saúde Mental (UCDB). Psicóloga Clínica (Psicologia Andarilha). E-mail: elismarquespsicologa@gmail.com

² Graduado em Psicologia (UFAM), Especialista em Psicologia de Grupos e Desenvolvimento de Equipes (UniBF). Psicólogo Clínico (Psicologia Andarilha). E-mail: saulo.monte1@gmail.com

Educação de gênero; Relações de gênero; Masculinidade; Migração venezuelana; Direitos humanos.

Recebido em: 11/03/2024
Aprovado em: 19/07/2024

The encounter between the migratory experience and the performance of hegemonic masculinity: An experience report about gender education

Abstract

The aim of this experience report is to narrate a group work experience developed with migrant Venezuelan men and Brazilian men. The purpose of the reflective groups was to encourage discussions on aspects that permeate experiences in relation to hegemonic masculinity in the encounter with the migratory experience. The meetings made it possible to reflect on and re-signify specific aspects that emerged about their references to masculinity developed throughout their lives, and how the conceptions and meanings attributed to them produce positive and negative social impacts for their families, communities and themselves. Promoting group meetings to discuss the impacts of hegemonic masculinity means enabling men to name the violence they have experienced and practiced, taking action against the ethical-political suffering that is the product and producer of social and gender inequalities.

173

Keywords

Gender education; Gender relations; Masculinity; Venezuelan migration; Human rights; Gender equality.

Introdução

A Venezuela vivencia o maior descolamento da América Latina recente que forçou a migração de mais de 7 milhões de pessoas até 2022 (UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES [UNHCR], 2023). O Brasil constituiu-se como um dos principais destinos migratórios, tendo em vista sua localização geográfica, e suas políticas socioassistenciais que garantem o acesso a saúde, educação e assistência social de forma gratuita e universal.

Diferentes literaturas no campo das migrações internacionais apontam para a importância de uma leitura que considere como as relações de gênero operam em contextos migratórios (BOYD, GRIECO, 2003; PERES, BAENINGER, 2013). Compreende-se o gênero como elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, operado a partir de condições sócio históricas de cada tempo, e utilizado como forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995). A partir de uma oposição binária fixa, são constituídas as performances de gênero, que reproduzem estruturas sociais hierárquicas de desigualdade, naturalizando as condições de opressão vivenciadas nas relações sociais (BUTLER, 2018).

Nesse sentido, Saffioti (2015) adverte que “A desigualdade, longe de ser natural, éposta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama das relações sociais” (p. 71). Diante disto, compreendendo que as relações humanas são fruto de construções socio-históricas, e que as relações de desigualdades entre homens e mulheres são intencionalmente produzidas para a manutenção das relações de poder, discute-se a masculinidade hegemônica no encontro com a experiência migratória em comunhão com o que propõe Connell e Messerschmidt (2013). Nessa direção, entende-se importância de nomear as dinâmicas de gênero que ditam comportamentos e formas de relacionamento entre homens e mulheres, rejeitando premissas que endossam “um tipo fixo de caráter ou um conjunto de traços tóxicos” (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 273) atribuído aos homens.

No intuito de construir estratégias coletivas de enfrentamento das desigualdades sociais e de gênero, atuar com grupos reflexivos para abordar sobre relações de gênero, consiste em um espaço potente e de suma importância no que tange a oportunidade de ressignificar a realidade social através da educação popular e comunitária. Além disso, por se configurar como um trabalho de

modalidade coletiva, apresenta diversos benefícios e vantagens por possibilitar matrizes de espelhamentos, identificações, ressonâncias, empatia e criação de uma rede afetiva de apoio (CIORNAI, 2016).

Yalom e Molyn Leszcz (2006), por exemplo, apontam fatores importantes na construção de trabalhos grupais tais como: a instilação de esperança ao produzir o contato com pessoas que vivenciaram experiências semelhantes e podem se inspirar pelas estratégias utilizadas por outros/as; a universalidade ao perceberem conflitos semelhantes ao compartilharem seus dilemas, portanto não estão sós e excluídos/as; o compartilhamento de informações e referências tornando o grupo uma rede de apoio, consulta e sugestão; experiências emocionais corretivas ao promoverem experiências reparadoras de vivências traumáticas; desenvolvimento de técnicas de socialização e aprendizagem interpessoal ao promover a possibilidade de aprenderem novas habilidades inter-relacionais e experimentá-las; e ainda a coesão grupal que possibilita que a pessoa que se sente só, sem afeto e atenção, perceber-se sendo aceita, vista, escutada, integrada e tratada com afeição.

Nessa direção, os encontros grupais que serão descritos a seguir, tiveram como proposta fomentar discussões sobre aspectos que permeiam as vivências socialmente atribuídas à performance da masculinidade por homens migrantes venezuelanos e brasileiros. Foram abordados ao longo dos encontros dificuldades e desafios enfrentados, estereótipos de gênero e preconceitos reproduzidos, além das experiências positivas e negativas nas relações familiares, conjugais, laborais e interpessoais como um todo. Além disso, foram também discutidas boas práticas identificadas no tocante à saúde mental dos homens que expericiam o contexto migratório venezuelano atual, como migrantes e como trabalhadores humanitários.

Um relato de experiência sobre como as relações de gênero operam na vida dos homens migrantes

O relato de experiência a seguir consistiu em uma vivência profissional do segundo autor do texto, que atuava como trabalhador humanitário³, e que

³ A resposta humanitária ao fluxo migratório venezuelano no Brasil organiza-se a partir de sete setores principais: Abrigamento e Distribuição Alimentar; Educação; Saúde; Integração, Interiorização e Transporte Humanitário; Nutrição; WASH; e Proteção que, por sua vez, engloba

conduziu ao longo dos meses de outubro e novembro de 2022, grupos reflexivos com homens migrantes venezuelanos e brasileiros na cidade de Boa Vista-RR. A primeira autora do texto, que também atuava como trabalhadora humanitária, participou assessorando a construção prévia das atividades e na estruturação dos dados produzidos durante a condução dos grupos. Ambos os autores contribuíram com a construção da resposta humanitária em Roraima no setor de proteção. Ao longo dos encontros foram trabalhadas representações sociais e pessoais da masculinidade considerando elementos culturais, geracionais, e contextuais, sobretudo tendo em vista que a maioria dos participantes vivenciam um processo migratório forçado.

No que se refere a questões metodológicas, adotou-se uma abordagem etnográfica (PEIRANO, 2014), produzida a partir da observação participante, com fins de descrever o vivido da experiência profissional do segundo autor, transformando-a em texto capaz de comunicar analiticamente as experiências compartilhadas. As informações apreendidas durante as atividades foram organizadas a partir de uma análise construtiva-interpretativa (GONZÁLEZ-REY, 2017) que intencionou acessar os significados atribuídos e os afetos mobilizados ao longo das discussões.

Durante os seis encontros, distribuídos em três momentos, participaram das atividades homens residentes em Boa Vista – Roraima, de forma temporária ou permanente, sendo estes homens especificamente envolvidos com a temática da migração venezuelana, como homens migrantes ou como brasileiros que atuam como trabalhadores humanitários. Para a execução das atividades, os participantes foram divididos em grupos menores, a fim de facilitar o manejo e o aprofundamento dos temas. Posteriormente, todos os participantes dos grupos iniciais participaram conjuntamente do encontro de encerramento, no qual foi realizada uma atividade de encerramento dos encontros grupais.

A modalidade de trabalho adotada para a distribuição dos participantes nos grupos vislumbrou a presença de cada participante em três grupos distintos, com o intuito de promover uma amplitude maior de trocas considerando a diversidade presente em cada grupo. Nesse sentido, no primeiro ciclo de grupo de homens, foram utilizados como critérios de organização dos grupos a faixa etária e o perfil:

três subsetores (Proteção à Criança, Violência Baseada no Gênero e Tráfico de Pessoas). Para mais informações, acessar a Plataforma de Coordenação Interagencial para Refugiados e Migrantes da Venezuela (R4V): <https://www.r4v.info/pt/brazil>.

trabalhadores humanitários (brasileiros e venezuelanos) e migrantes venezuelanos. No segundo ciclo, os participantes foram organizados de forma mista, a fim de promover um espaço mais diversificado de reflexões e compartilhamentos. Foram adotados ainda alguns cuidados referentes à presença de migrantes e trabalhadores humanitários, evitando o contato de pessoas que possuem relações diárias de trabalho nos mesmos grupos, salvo o grupo final de encerramento das atividades. Ao final dos encontros, foram produzidos a partir das discussões promovidas nos encontros, materiais gráficos e informativos sobre relações de gênero e diversidade.

O primeiro ciclo de atividades contou com a presença de 27 pessoas, distribuídas em 3 grupos nos períodos de 11 a 26 de outubro de 2022. Na primeira sequência de encontros, vislumbrou-se o engajamento grupal para facilitar o compartilhamento e a participação nas atividades, além do estabelecimento dos contratos grupais tais como: respeito ao espaço de fala e conteúdo compartilhado e sigilo das informações discutidas no grupo. Posteriormente, foram realizadas atividades com o intuito de instigar e mediar as discussões sobre os temas propostos. O segundo ciclo de encontros, ocorreu entre os dias 09 e 16 de novembro e contou com a participação de 20 pessoas. Durante esse ciclo, as atividades foram direcionadas a sequência dos diálogos sobre os conteúdos discutidos no primeiro ciclo, no entanto, privilegiando o encontro com a diversidade presente nos grupos que poderiam produzir novidades nas percepções dos participantes, oportunizando o aprofundamento e a ressignificação de conceitos socialmente reproduzidos e naturalizados.

A seguir serão descritas as atividades utilizadas para a mediação dos encontros, e os principais pontos destacados pelos participantes dos grupos. Ao fim, será descrito ainda como foi conduzido o último encontro, com ênfase nas percepções compartilhadas pelos homens sobre os encontros e sobre o material que foi produzido ao fim.

Primeiro ciclo de encontros: nomeando a dita masculinidade

Os encontros grupais tiveram como proposta central discutir sobre os conceitos envolvidos na masculinidade e as definições atribuídas socialmente e auto atribuídas sobre ser homem hoje (SOUZA, 2022; CONNELL e

MESSERSCHMIDT, 2013). Após compartilhar sobre os acordos para o desenvolvimento do trabalho grupal, foi proposto aos homens uma atividade inicial que teve como objetivo promover discussões sobre os termos mais comumente utilizados para definir os homens, a partir de suas experiências. Nesse sentido, foi solicitado que pensassem em expressões que ouvem em seus cotidianos, comportamentos que atribuem aos homens, qualidades consideradas masculinas, ações que precisam ser evitadas para a manutenção da masculinidade, dentre outras características. O facilitador destacou em um quadro em branco os termos utilizados por eles, e a partir das expressões proferidas foi sendo desenhada uma silhueta, na qual foram traçados os limites da masculinidade percebido por eles, ou seja, o que definia ou não um homem a partir de suas representações de masculinidade.

No segundo momento da atividade, foi solicitado aos participantes que por sua vez desenhassem uma silhueta ilustrando uma pessoa, e que preenchessem o desenho com frases utilizando as expressões da atividade anterior. Durante a construção dos desenhos, o facilitador questionou os participantes para avaliarem se os termos, expressões e características atribuídas faziam sentido para cada participante, e se consideravam pertinente utilizá-las em seus desenhos. Destaca-se algumas expressões utilizadas como: *valiente* (valente), *luchador* (lutador), *trabajador* (trabalhador) e *responsable* (responsável) como características atribuídas à expressão da masculinidade. E, como características que se distanciam da masculinidade percebida por eles, destaca-se: covarde, *irresponsable* (irresponsável), *debil* (fraco), *flojo* (frouxo/solto).

A atividade teve como propósito acessar os principais conceitos construídos no decorrer do processo de subjetivação dos homens, que é mediado por aspectos socioculturais. Compreende-se como processo de subjetivação a interação produzida entre sujeito, sociedade e cultura, que possibilita a constituição de identidades e comportamentos (CROCHIK, 2011). São disponibilizados socialmente normativas simbólicas que compõem a construção de como as pessoas se percebem e se representam. A construção da masculinidade consiste em um dos elementos estruturantes da forma como os homens pensam, se comunicam e se comportam (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013).

Sendo assim, a partir das representações instituídas socialmente através de elementos culturais dispostos em diversas esferas da realidade social, os homens assimilam conceitos que alicerçam atos, e que foram representados durante a

atividade nas expressões utilizadas para nomear as características instituídas ao masculino. Algumas expressões que se destacaram durante a atividade demonstram como o processo de subjetivação dos homens é mediado pelo senso de utilidade e eficácia, como já alertado por Zanello (2018). A palavra responsabilidade, por exemplo, destacou-se nas discussões de todos os grupos, em especial associada à representação de sustento das famílias.

Temáticas como constituir família, ser útil principalmente trabalhando e a necessidade de performar um interesse sexual constante foram tópicos amplamente discutidos nos grupos de forma espontânea. Além disso, as discussões reproduzidas com os grupos de homens migrantes indicaram que o processo migratório reforçou os papéis socialmente atribuídos aos homens com suas famílias e com a sociedade. Ainda, foram discutidas questões relacionadas à saúde física e psicológica, e o suporte insuficiente para lidar com o estresse migratório e com as obrigações relegadas aos homens nesses contextos.

Compreende-se por estresse migratório a relação estabelecida entre fatores socioeconômicos e interpessoais no encontro com fatores específicos dos processos migratórios (condições de deslocamento, acesso a políticas migratórias nos destinos, violências experienciadas antes, durante e após a chegada no novo local de residência, etc.), e como estes impactam no funcionamento psicológico de pessoas migrantes e refugiadas. As repercussões do estresse migratório envolvem a capacidade de gestão frente aos contextos de adversidades, as condições de ofertar apoio aos familiares, as possibilidades de perceber, atualizar e gerenciar a realidade atual etc. (SANGALANG et al, 2019; LI, LIDDELL e NICKERSON, 2016).

Algumas afirmações dos participantes merecem destaque como “*Valentia para atravessar a fronteira*”, “*sair para trabalhar, voltar e não conseguir nada*” e “*interiorizações⁴ que levam a lugares de ainda mais desamparo*”. Tais afirmações sugerem o que já vem sendo discutido na literatura sobre o lugar de validação social imposto aos homens, que é descrita por Zanello (2018) como dispositivo da eficácia, interpelado pela virilidade laborativa. Nesse sentido, o processo de subjetivação dos homens é perpassado pelos ideais de produtividade, ou seja, o sucesso no trabalho e o sucesso em prover suas famílias constitui-se

⁴ Consiste no deslocamento voluntário para outros estados brasileiros com o apoio logístico do Governo Federal e da Organização Internacional para as Migrações (OIM).

como uma âncora identitária, que potencializa o processo de validação social de suas masculinidades. No entanto, como destaca a autora,

[...] desempenhar bem a performance do trabalho e da provisão é algo fundamental, na nossa cultura, para os homens, mas não lhes garante carinho, afeto e bem-estar. Muitas vezes, nem mesmo reconhecimento. Essa expectativa se torna evidente justamente quando ela falha ou é colocada em xeque: nos casos de desemprego masculino, aposentadoria ou doença (ZANELLO, 2018, p.239)

Portanto, o processo migratório pode ser identificado como um dos elementos que coloca em xeque o “lugar da masculinidade” dos homens migrantes. A responsabilidade pelo provimento das famílias e as dificuldades de acesso a meios de vida, a esperança em acessar outras condições de vida através do processo de interiorização e os desafios do novo local de moradia sem rede de apoio, e ainda a ausência de espaços de expressão emocional que já são deslegitimado socialmente para os homens, produzem uma experiência migratória cercada de violências simbólicas, que podem vir a se transformar em violências concretas. Ou seja, o estresse migratório produzido nos entrelaçamentos da experiência da migração é profundamente impactado pela forma como as relações construídas socialmente aparadas na masculinidade hegemônica.

Ainda no que se refere ao estresse migratório, outros discursos merecem destaque como as vivências da xenofobia, do racismo e outras formas de discriminação, como a LGBTfobia. Sawaia (2014) identifica-as como sofrimento ético-político, que “qualifica-se pela maneira como sou tratada e trato o outro na intersubjetividade, face a face ou anônima, cuja a dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social” (p. 106). Portanto, o sofrimento ético-político representa a dor experienciada em virtude do processo de exclusão social, que produz significados de subalternidade que se constituem como princípio organizador dos comportamentos. Ou seja, é um processo de exclusão conectada com uma realidade social excludente, e que se faz necessário a ressignificação dos conceitos adotados para romper com a sua reprodução e com os comportamentos violentos que esses conceitos alicerçam.

Nesse sentido, em algumas oportunidades, quando expresso discursos de cunho discriminatório, foi construído um espaço de oportunidade para a ressignificação dos conceitos reproduzidos, para além de repudiar o que foi compartilhado. Além disso, o facilitador reembrou com frequência sobre a construção coletiva de um espaço seguro no grupo, para que todos os presentes

pudessem expressar o que necessitassem, e assim, pudessem se validar em relação aos sentimentos e emoções compartilhadas. Sendo assim, o espaço proposto vislumbrou primeiramente o acolhimento dos presentes, e posteriormente o trabalho com os elementos levantados por eles.

Ainda, alguns pontos de discordância também estiveram presentes durante as atividades, em especial discursos alicerçados em princípios religiosos de matriz cristã. Esses discursos surgiram especialmente durante discussões relacionadas às expressões das sexualidades dissidentes da norma social, retratados em posturas machistas, misóginas e homofóbicas de alguns membros do grupo. Quando necessário, foram realizadas intervenções cuidadosas de cunho essencialmente pedagógico, a fim de não endossar uma postura exclusivamente punitivista, aproveitando do espaço para desconstruir formas de violência simbólicas e concretas, e promover uma postura respeitosa que não necessariamente prescinde da ruptura com a experiência religiosa. Ou seja, respeitar a diversidade é compreender que discordar de comportamentos alheios não autoriza o exercício da violência através de discursos de ódio e de outros atos violentos.

Outro destaque consiste nos entraves que a masculinidade hegemônica impõe aos homens no que se refere à expressão emocional, logo na atribuição de sentidos e significados as emoções e sentimentos vivenciados. Uma das características marcantes de todos os grupos foi o silenciamento do sentir para a manutenção do ideal de resistência inerente à masculinidade, ou seja, para “superar ou para seguir a diante”- expressão utilizadas por eles-, é preciso se abster de sentir. O sentir do que é doloroso e/ou desconfortável não é autorizado aos homens migrantes, mas também reverbera na experiência dos trabalhadores humanitários brasileiros. Esse processo de embotamento afetivo é uma forma de imposição da masculinidade hegemônica. Como destacado por Welzer-lang (2001), a educação dos homens é construída por um conjunto de mimetismos de violência, inicialmente contra si mesmo através do embrutecimento físico e/ou emocional, contra outros homens através da competição e contra as mulheres no geral através da subordinação.

Os trabalhadores humanitários (brasileiros e venezuelanos) participantes do grupo produziram discussões mais profundas sobre temas relacionados a gênero e paternidade, diferentemente das discussões produzidas nos grupos apenas com homens migrantes. Acredita-se que tal fato se relaciona com o contato dos

trabalhadores humanitários, em virtude da experiência profissional e da natureza do cargo, com temáticas sobre relações de gênero, promovendo reflexões mais aprofundadas e fundamentadas. Sugere-se que no grupo dos homens migrantes, o receio em discutir sobre o tema pode estar relacionado a como as relações de gênero são construídas socialmente relegando o lugar da parentalidade essencialmente as mulheres, logo os homens assumem o papel de coadjuvantes no processo educativo dos filhos/as, atribuindo-se responsabilidades apenas a provisão de sustento financeiro. Essas assimetrias de gênero reproduzidas no trabalho do cuidado, produz significativos impactos sociais especialmente as mulheres, imputando responsabilidades exclusivas na educação de filhos/as, na gestão das demandas familiares e das atividades domésticas (BIROLI, 2018).

Por fim, nos três grupos de forma mais profunda ou superficial, a partir das condições disponíveis dos participantes de cada grupo, foi promovido o contato com as concepções de masculinidades utilizadas para si e para outras pessoas. E a partir disso, foi construído um espaço de possibilidade de flexibilização e relativização de formas de performar a masculinidade e de compreensão dos impactos específicos dessa masculinidade compulsória na experiência da migração forçada.

Segundo ciclo de encontros: ressignificando a “réguas da masculinidade”

Os encontros realizados durante o segundo ciclo tiveram como proposta o aprofundamento das discussões promovidas no primeiro ciclo, com o acréscimo do contato com uma diversidade maior de participantes, no que se refere ao perfil. Para tanto, os grupos contaram com a presença de homens migrantes e trabalhadores humanitários (brasileiros e venezuelanos) conjuntamente. No entanto, em virtude de conflitos de agenda e dificuldades de contato com os participantes do primeiro ciclo, os grupos tiveram um número menor de participantes.

A dinâmica entre os participantes do segundo ciclo foi mais dialogal, sendo construído um espaço de expressão mais livre e fluido, no qual o facilitador realizou intervenções menores, através de perguntas norteadoras. As discussões centraram-se sobre o papel social desempenhado pelos homens, e a construção de estratégias para a manutenção ou desconstrução dessas relações de gênero.

Destaca-se o lugar da comparação e competitividade comentados pelos participantes, como uma “réguia da masculinidade”. Coria (1996) identifica esse conjunto de atos como “masculinômetro”, que institui os limites possíveis para a expressão dos homens, e que acaba por produzir sofrimento através da narrativa da auto-comparação e desvalorização. Através do questionamento levantado pelo facilitador “*Você já fez algo que não queria para ser aceito pelos outros? Para se ver e ser visto como homem?*”, foram compartilhadas experiências diversas que representam os desafios e o sofrimento experienciado pelos homens em suas relações sociais que negam e desautorizam suas formas autênticas em prol da aliança com os padrões da masculinidade hegemônica.

O tema da paternidade surgiu com mais intensidade, em especial através das referências paternas dos participantes, enquanto suas referências masculinas positivas. As falas dos participantes retrataram o reconhecimento das limitações vivenciadas por seus pais e os impactos em suas experiências ao longo da vida. Além disso, durante as discussões, apesar da avaliação positiva das referências paternas, os participantes relataram sobre as dificuldades no estabelecimento de limites com os/as filhos/as, e que acabavam por reproduzir padrões violentos no processo educativo das crianças, por ter sido a forma que experienciaram os limites com seus pais e mães, logo foi a forma que aprenderam a impor limites. Nessa oportunidade, foi promovido um momento de diálogo sobre a experiência de paternidade atual, compreendendo que a construção de novas percepções sobre a masculinidade pode possibilitar uma educação parental mais libertadora e saudável para as novas gerações de homens e mulheres, rompendo com a naturalização da violência (SAFFIOTI, 2015).

Ainda, foi aberto um espaço para dialogar sobre violência baseada no gênero, compreendendo que os padrões de masculinidade impostos socialmente instituem limites para as relações sociais, no qual a violência é uma das formas coercitivas para a manutenção das relações de poder. Discutir sobre violência com homens ainda consiste em uma estratégia de suma importância para o enfrentamento de diferentes formas de violência, sobretudo ao se considerar os elevados números de violência contra mulheres e meninas (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2022). Considerando os diferentes trabalhos desenvolvidos em Roraima no que tange a temática da violência, em virtude da resposta humanitária ao aumento do fluxo migratório venezuelano, e que dialogam com o processo psicoeducativo de sensibilização sobre formas de

violência e sobre o sistema de proteção social disponível no Brasil, privilegiou-se utilizar do espaço para dialogar sobre violência a partir de outros olhares. Nesse sentido, foi proposto um espaço para expressão emocional, no qual os participantes puderam compartilhar os conceitos que são vetores para comportamentos violentos, e como o sofrimento experienciado por eles pode acabar se transformando em atos violentos.

A partir desse espaço construído de abertura para o diálogo sobre temas sensíveis, os participantes compartilharam sobre suas experiências com o uso recreativo e abusivo do álcool como estratégia do manejo do estresse e do sofrimento. Foi relatado por eles sobre o lugar que o álcool vem ocupando em suas vidas e experiências, que através do efeito da substância é possível se expressar com mais fluidez sobre sentimentos, emoções, afetos, dores e dificuldades. Portanto, identificou-se que uma estratégia de redução de danos para evitar o consumo abusivo do álcool pode ser a promoção de espaços seguros de expressão emocional.

Ainda, no que se refere a estereótipos de gênero, foi compartilhado entre eles os conflitos internos relacionados a impossibilidade de expressar comportamentos que não comunguem com a masculinidade hegemônica, e a construção da intolerância e discriminação de pessoas que rompem com a performance instituída aos homens. Compreende-se por estereótipos de gênero como grupo estruturado de crenças e conceitos, pautados na oposição binária fixa, que instituem características para homens e mulheres, relacionados a personalidade, aparência física, ocupações laborais e até a suposições sobre a orientação sexual (COOK, CUSACK e PARRA, 2010).

Afirmações como “*se eu não tenho o direito de ser de outra forma, porque o outro então pode ter?*” presentes nas falas dos participantes, expressam como a intolerância e a discriminação vão tomando formas violentas a partir da negação da experiência do outro, embasada na negação da própria experiência. Ou seja, os preconceitos são internalizados na formação de cada homem e conforme são confirmados socialmente para si mesmos, são perpetrados externamente.

Por fim, o segundo ciclo possibilitou uma expressão emocional mais intensa e fluida, que deu espaço para que os participantes se comunicassem mais livremente sobre suas angústias e desafios. Foi retratado durante os diálogos que o lugar da provação e competição constante imputado pela masculinidade consiste em um fator de sofrimento, em que se percebem cansados de compactuar

com as imposições sociais, porém impossibilitados de romper com a masculinidade hegemônica. Ainda, o estresse produzido na experiência migratória atual é particularmente agravado pelas demandas dessa masculinidade compulsória, colocando os homens em sofrimento, e impedindo-os de expressarem suas dores em virtude dos pactos de silenciamento inerentes a performance masculina. Esse silenciamento acaba por desencadear outras formas de expressão emocional, como o uso abusivo de substâncias, o uso da violência na educação das crianças, e a própria violência de gênero, contra mulheres e contra outros grupos sociais afetados por ela, com a comunidade LGBTQIAP+. Nesse sentido, construir espaços de expressão e validação emocional, pode ser de grande valia como estratégia de enfrentamento a violência baseada em gênero.

Encontro final: integrando descobertas e transformações

No encontro final, que vislumbrou a construção de um feedback sobre as ações e discussões propostas, foi conduzida uma atividade para que os participantes dos grupos pudessem compartilhar suas impressões. Inicialmente, foi proposto aos homens presentes que compartilhassem sobre as suas experiências individuais durante o percurso dos encontros. Para instigar o processo de compartilhamento, foram levantadas as seguintes perguntas norteadoras: *O que aprendi sobre mim mesmo no período da atividade? O que aprendi com os outros e nas atividades nesse período? Qual marca eu quero deixar no grupo?*

No decorrer do encontro foi promovida uma reflexão mais pessoalizada, através do compartilhamento de histórias, vivências e expectativas sobre o que poderia se alcançar em encontros dessa natureza. De modo geral, a afirmação principal foi de que consistiu em um espaço necessário, e que sua continuidade tem sua importância assegurada, pois não dispunham de oportunidades como a que foi promovida para discutir abertamente e com muito respeito sobre temas de relevante impacto em suas realidades pessoais, familiares e interpessoais como um todo.

Em um segundo momento foi proposto aos participantes que compartilhassem sobre como estavam se sentindo através da escolha de imagens que foram disponibilizadas através de cartas ilustradas com pinturas variadas e

de temáticas diversas. Assim, cada participante escolheu uma imagem e a colocou no centro da roda para que os demais participantes pudessem também ter acesso sobre o que cada pessoa decidiu compartilhar de si com o grupo. Foram travadas trocas profundas e intensas, pois as cartas representaram não somente as histórias do participante que a escolheu, mas representou histórias coletivas de dor, sofrimento e resistência comum aos participantes, potencializando a identificação e a compaixão entre todos os presentes.

A partir desse processo de identificação e acolhimento dos participantes uns com os outros, foi proposta uma segunda atividade com as cartas, em que os homens escolheram imagens que representassem ações que desejavam empreender para si e/ou para os outros membros do grupo, a partir da primeira imagem e do que foi compartilhado sobre ela. Foi estabelecido um momento de conexão e intimidade entre os membros, e logo, de expressão emocional deliberada e autorizada entre os presentes, imprimindo um espaço da diferença validado entre eles, em que expressar dor e sofrimento também pode fazer parte da experiência dita masculina. Ou seja, promover espaços seguros para trocas entre homens tem o potencial de possibilitar a expressão emocional negada na construção da masculinidade hegemônica, que impede outras vias de expressão e que alicerçam formas violentas de como se expressar.

As discussões demonstram-se potentes, frutíferas, instigadoras e potencialmente reparadoras da realidade social. Os participantes agora com mais intimidade entre os colegas, puderam compartilhar mais de si mesmos, oportunizando uma discussão aberta e fluida, e potencializando novos olhares sobre o tema. Diante disso, destaca-se o que postula Sawaia (2009), “A transformação social não se dá pela derrubada do tirano. Ela requer ações diferentes, mas combinadas para combater as relações de servidão, e uma delas é sempre a mais urgente: agir no sofrimento ético-político” (p.370). Nesse sentido, promover encontros para discutir sobre os impactos da masculinidade hegemônica é possibilitar que homens nomeiem as violências vivenciadas e praticadas, agindo frente ao sofrimento ético-político produto e produtor das iniquidades de gênero.

Por fim, enfatiza-se a provocação de Freire (2019) sobre nosso papel político de instigadores no processo de transformação social: “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impaciente diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que

fazemos” (p. 33). Portanto, para transformar uma realidade social opressora e desigual, faz-se necessário refletir e nomear para ressignificar e romper com as estruturas sociais que engendram desigualdades.

Considerações finais

Os grupos reflexivos com homens migrantes venezuelanos e brasileiros, que tiveram como objetivo fomentar discussões sobre aspectos que permeiam suas vivências em relação a masculinidade hegemônica, possibilitaram reflexões e ressignificações de aspectos específicos que emergiram sobre suas referências de masculinidade construídas ao longo da vida, e como as concepções e sentidos atribuídos produzem impactos sociais positivos e negativos para suas famílias, comunidades e para si mesmos.

Identificou-se que o encontro do estresse migratório e da masculinidade hegemônica compulsória se constitui como fator que agudizou o sofrimento experienciado por eles. Nesse sentido, para além dos trabalhos pedagógicos relacionados às relações de gênero, o manejo do estresse migratório faz-se imprescindível, identificando vetores que agravam o sofrimento já vivenciado no contexto de deslocamento, como elementos socioeconômicos e sócio laborais.

Ressalta-se que grupos reflexivos sobre os temas relacionados à masculinidade hegemônica e estereótipos de gênero, podem ter grande valor terapêutico, ao permitir a ruptura com as performances sociais gendradas. Nesse sentido, sugere-se como ferramenta de educação em direitos humanos, a construção de espaços grupais para aprofundar temas que se relacionam com a performance socialmente instituída aos homens.

Além disso, possibilitar um espaço seguro de expressão emocional para homens em que eles próprios possam se validar e se reconhecer em suas formas diversas de masculinidades ou na sua transgressão ao dito masculino, promove a tolerância e o respeito consigo e com as outras pessoas ao seu redor. Ainda, a promoção de espaços seguros de expressão emocional consiste em uma estratégia de redução de danos para evitar o consumo abusivo do álcool, impactando positivamente no âmbito da saúde mental deles e de suas famílias e comunidades.

Discutir sobre paternidade e parentalidade pode produzir impactos importantes para os homens, mas especialmente para as mulheres e crianças que participam de suas experiências de conjugalidade, paternidade e parentalidade. Portanto, sugere-se o desenvolvimento de ações educativas que dêem destaque a

essa experiência intersubjetiva, para que seja possível construir novas formas inter-relação. Trabalhar essa temática relaciona-se com um olhar comprometido com a igualdade de gênero, através da compreensão das assimetrias instituídas nas práticas de cuidado. Nessa direção, construir também espaços de expressão e validação emocional, pode ser de grande valia como estratégia de enfrentamento da violência baseada em gênero.

Referências

188

BIROLI, F. Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOYD, M.; GRIECO, E. Women and Migration: Incorporating gender into international migration theory. **The online journal of the migration policy institute**, 2003. Disponível em: Article: Women and Migration: Incorporating Gender.. | migrationpolicy.org

BUTLER, J. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Caderno de leituras**, n.78, p.1-16, 2018. Disponível em: [n.78 | 2018 – Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista – Chão da Feira \(chaodafeira.com\)](http://n.78 | 2018 – Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista – Chão da Feira (chaodafeira.com))

CIORNAI, S. Abordagem gestáltica no trabalho com grupos. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (Orgs). **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016. p. 168-186.

COOK, R. J.; CUSACK, S.; PARRA, A. **Estereotipos de gênero: Perspectivas Legales Transnacionales**. Bogotá: Profamilia, 2010.

CORIA, C. **O sexo oculto do dinheiro – Formas de dependência feminina**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1996.

CROCHIK, J. L. **Teoria crítica da sociedade e psicologia: alguns ensaios**. Brasília: CNPq, 2011.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. FBSP- Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022. Brasília, 2022. Disponível em: [violencia-contra-meninas-mulheres-2022-1sem.pdf \(forumseguranca.org.br\)](http://violencia-contra-meninas-mulheres-2022-1sem.pdf (forumseguranca.org.br))

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 61. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GONZÁLEZ-REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

LI, S. S.; LIDDELL, B. J.; NICKERSON, A. The relationship between post-migration stress and psychological disorders in refugees and asylum seekers. **Current psychiatry reports**, v. 18, p. 1-9, 2016. DOI:

<https://doi.org/10.1007/s11920-016-0723-0>. Disponível em: The Relationship Between Post-Migration Stress and Psychological Disorders in Refugees and Asylum Seekers | Current Psychiatry Reports (springer.com)

PERES, R. G.; BAENINGER, R. Migração Feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 Anais Eletrônicos**, 2013. Disponível em: Microsoft Word - 1372951670 ARQUIVO Fazendo Gênero Peres Baeninger.docx (dype.com.br)

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, n. 42, p. 377-391, jul. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANGALANG, C. C. et al. Trauma, post-migration stress, and mental health: A comparative analysis of refugees and immigrants in the United States. **Journal of immigrant and minority health**, v. 21, p. 909-919, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10903-018-0826-2>. Disponível em: Trauma, Post-Migration Stress, and Mental Health: A Comparative Analysis of Refugees and Immigrants in the United States | Journal of Immigrant and Minority Health (springer.com)

SAWAIA, B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

SAWAIA, B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, n. 21, v. 3, p. 364–372, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000300010>. Disponível em: SciELO - Brasil - Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: Vista do Gênero: uma categoria útil de análise histórica (ufrgs.br)

SOUZA, A. da S. Masculinidade hegemônica: contingências relacionadas ao déficit de autocuidado à saúde em homens. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 207–218, 2022. DOI: 10.18761/PACa15gh45. Disponível em: <https://revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/920>.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. **UNHCR-Venezuela situation**. Disponível em: <https://www.unhcr.org/venezuela-emergency>. Acesso em: 26 jul. 2023.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista de Estudos Feministas**, n.9, v.2, p. 460-482, 2001.

DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>. Disponível em:
SciELO - Brasil - A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia
A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia

YALOM, I. D.; LESZCZ, M. **Psicoterapia de grupo: teoria e prática.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

ZANELLO, V. **Saúde Mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação.** Curitiba: Appris, 2018.